

# **BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR NO MOVIMENTO POLÍTICO EXTENSIONISTA**

Diego Miranda da Silva, UFPB, diegomirandaufpb@gmail.com

Ângela Cristina Alves Albino, UFPB, angela.educ@gmail.com

Sheila Costa de Farias, UFPB, sheilaufpb1@gmail.com

## **1 INTRODUÇÃO**

No campo das políticas curriculares, a Base Nacional Comum Curricular, aprovada pelo CNE, em 2017, normatiza o documento como um referencial nacional obrigatório nos currículos escolares e nas práticas pedagógicas. Nela, regulamenta uma proposta curricular segmentada em habilidades e competências a serem desenvolvidas durante toda educação básica. Diante das diversas realidades brasileiras, a implementação de uma base nacional comum curricular normatizado, tensiona, não apenas o currículo, mas toda rede escolar existente.

Em tempos de desmonte do Estado de Direito, consideramos importante o fortalecimento de reflexões a cerca de áreas do conhecimento que são subalternizadas dentro da BNCC, como também, enxergamos o currículo não apenas como parte limitante e regulamentada na prática docente, mas, como um elemento holístico que transborda para além do arcabouço de conteúdos curriculares programados. Promover espaços para discutir e analisar as aprendizagens ditas como “essenciais” a serem trabalhadas na BNCC, reflete no empoderamento de conhecimentos acerca dessa política, bem como, na ação pedagógica em sala de aula.

Nesse ínterim, o presente trabalho faz parte do projeto “BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR”: olhares docentes, da Universidade Federal da Paraíba e, tem por objetivo, desenvolver seminários formativos a partir das expectativas e percepções dos docentes da educação básica a cerca das políticas curriculares. Busca-se, ainda, analisar o processo de socialização da produção da BNCC nas escolas de educação básica, bem como, destacar algumas competências importantes para a reflexão da prática pedagógica. De forma resumida, apresentaremos a seguir um conjunto de relatos de processos formativos e algumas vozes docentes acerca de alguns conteúdos. Em princípio, eles têm a função de apresentar algumas

tensões sobre o processamento do conhecimento. Análises posteriores, no processo extensionista, serão feitas por meio da análise crítica do discurso. Aqui, de forma resumida, destacaremos apenas uma experiência formativa.

## 2 DESENVOLVIMENTO

No ano de 2020, foram realizados 9 seminários formativos, distribuídos em momentos distintos, tratados por especialistas em cada área proferida: a) Currículo educacional: ensino remoto e tempos futuros; b) As competências de argumentação e comunicação em tempos de *fake news*; c) Desafios de pensar os campos de experiência na educação infantil; d) A importância da Sociologia e Filosofia para o livre pensar; e) Círculo dialógico: inédito viável, educação e conhecimento em Paulo Freire; f) Diferença no currículo: desafios de pensar as relações étnico-raciais; g) Ensino remoto: sujeitos e vozes da Educação Básica; h) Experiências curriculares em Angola: Realidades e Desafios; e i) Diretrizes políticas para formação de professores no Brasil: desafios e perspectivas. A análise do discurso das vozes docentes foi desenvolvida posteriormente a cada seminário temático, onde eles puderam participar, colocando suas inquietações, experiências e dúvidas.

Os seminários foram conduzidos por meio da plataforma *Google Meet* em sincronia com a plataforma do *YouTube*. E, as inscrições dos participantes foram realizadas previamente no Sistema Integrado de Gestão da UFPB – *SIGEventos* e/ou pelo *google forms*. Houve, em média, 150 inscritos por seminário, atingindo diversas regiões do Brasil, que socializaram sobre a necessidade de transformações nos currículos escolares, priorizando as carências das vozes dos sujeitos da educação básica. A coleta de dados ocorreu por meio das participações no *chat* das plataformas supracitadas e pelos diálogos pontuados durante as palestras. As falas colocadas pelos participantes ressignificam um conceito de currículo, não limitado e prescritivo, mas um currículo que transborda. De acordo com Silva (2005, p. 150):

[...] O currículo é lugar, espaço, território. O currículo é relação de poder. O currículo é trajetória, viagem, percurso. O currículo é autobiografia, *curriculum vitae*: no currículo se forja nossa identidade. O currículo é texto, discurso, documento. O currículo é documento de identidade.

Como mencionado, um conceito de currículo é complexo e transborda para além do contexto escolar, conseqüentemente, o discurso em torno do currículo deve ser amplo. Assim, é importante considerar e problematizar a BNCC, a partir das vozes docentes, respeitando a

realidade escolar. Desse modo, problematizamos temas que são urgentes e marginais ao currículo.

## 2.1 CURRÍCULO EDUCACIONAL: ENSINO REMOTO, TEMPOS FUTUROS

A palestra de abertura "Currículo educacional: ensino remoto, tempos futuros", proferida pela professora Dr<sup>a</sup>. Ângela Albino, no dia 15 de junho de 2020, foi pertinente em discutir e unir diversas vozes do meio educacional que estavam interessadas com a temática, bem como, preocupadas com as novas situações advindas da pandemia. Percebemos isso através das falas (VD=vozes docentes). Para VD1:

*VD1: A BNCC por ser um documento padronizado, prescritivo, nega as diferenças! É importante que o professor ressignifique esse currículo unificado no contexto real de sala de aula.*

Além disso, há muitos elementos que devemos considerar. Segundo Neto (2020), a BNCC reduz a formação humana à homogeneização e centralização, ignorando as realidades locais e contextuais, e mais, ignorando a diversidade humana e a sua complexidade. Em concordância, VD2 ressalva a existência da miopia do Estado no ensino remoto para os estudantes da zona rural:

*VD2: Os alunados da zona rural me chamam atenção, justamente por falta de recursos tecnológicos, e como os professores estão tendo que se virar se não são acostumados com a tecnologia, pois a mesma não é acessível a todos. Como é esse ensino remoto para todos eles?*

O discurso de equidade por meio de uma Base Nacional Comum em um país de desigualdades, principalmente no tocante ao aspecto educacional, não serve para a construção de justiça. Nessa perspectiva, VD3 questiona:

*VD3: Em relação à educação de jovens e adultos. Já imaginamos os variados empecilhos que contribuem pra a evasão desses alunos em aulas presenciais. Tendo em vista toda essa desigualdade social que já é um marco da maioria desse público, o que se pode esperar da EJA durante e após esse período de crise sanitária?*

O momento atual é elucidativamente doloroso e exaustivo, tanto na vida social, como nos processos educacionais. Essa situação caótica recai e agrava mais ainda aqueles que estão submersos nas injustiças sociais. Os docentes tiveram que se apropriar de uma lógica de ensino

diferente de forma abrupta, o que resultou em uma tomada de tempo exaustiva em seu cotidiano.

Percebemos isso nas vozes:

*VD4: O melhor currículo é o que nasce de “dentro para fora”. Precisamos inclusive, fazer com que o corpo escolar aprenda e internalize isso.*

*VD5: A gente foi pra casa. Dormiu e já acordou dando aula em casa. Vivemos em tempos de muita cobrança... Se a problematização não acontecia em sala, como vem ser agora?*

*VD6: A crise sanitária deixou ainda mais evidente esse abismo entre educação para os pobres e a educação para os ricos.*

A primeira ação demandou muita mobilização, porque tivemos um público considerável e estávamos testando as salas do *meet*. Precisamos abrir dois ambientes para acomodar o número de participantes. Os desafios do ensino remoto era um conteúdo bastante procurado pelos docentes. A preocupação com as desigualdades educacionais e a falta de acesso à rede era latente na fala dos docentes.

### **3 CONCLUSÃO**

Os públicos-alvo foram docentes, estudantes de licenciatura e os sujeitos que atuam nas escolas, e toda comunidade que buscaram formação continuada acerca da BNCC e temas capilares. Durante as ações, expandimos o alcance a todo território nacional, com um total de 1406 inscrições realizadas e 1106 certificados emitidos. Toda a trajetória percorrida fortaleceu reflexões acerca de temas subalternizados dentro da BNCC, bem como, somou na socialização endereçado à realidade docente sobre a política em curso. A partir das vozes docentes, afirmamos que o currículo não é apenas o dito como oficial, mas ele está presente no cotidiano da escola, nos discursos dos professores, na diversidade dos alunos.

Os temas envolvidos foram relevantes, sobretudo, para a compreensão do que é importante, ou não, no sentido de contemplar o currículo escolar. A partir das vozes docentes, percebemos que os sujeitos anunciam a ausência de processos formativos sistematizados em suas redes de ensino, bem como revelam, ainda, o sentimento de não pertencer ao processo de produção curricular. Isso se dá, pelo fato de não terem participado efetivamente da produção do referencial, que em tese, deveria ser democrática. Portanto, esse trabalho apresenta potencialidade de diálogo com os docentes, com a pretensão de trazer para o debate sujeitos que estão no “chão da escola” e que estão em constantes movimentos de silêncios.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, MEC, **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**, versão aprovada pelo CNE, novembro de 2017. Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf)> Acesso em: 31 mar 2021.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Coord. trad. rev. técnica e pref. I. Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

NETO, Alaim Souza. Tensões no novo ensino médio: projetos de currículos em disputa. **Retratos da Escola**, v. 13, n. 27, p. 699-713, 2020.

SILVA, Tomas Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2 edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.